

BAEK SEUNGYEON

O bestseller coreano inspirado numa loja real

A
L
O
J
A
de

CARTAS
de
SEUL

Uma homenagem tocante
ao poder da palavra escrita.

한글

서울

영업중



NOTA DA EDITORA

Dada a utilização de sufixos honoríficos e termos em coreano, encontra-se disponível um glossário no final do texto.

ÍNDICE

Apresentação das personagens	7
Prólogo	11
Até a luz do sol tem um aroma	13
Quando queres devolver a tua vida	45
Mãos que caminham pelo papel de carta	77
Keum Woncheol, o romântico	123
À sombra dos louros	159
Natal na Geulwoll	205
Há uma carta que nunca foi enviada	243
Epílogo: Fizemos sempre o que pudemos para nos inspirarmos mutuamente	293
P.S.	315
Glossário	317

APRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS

EQUIPA DA GEULWOLL

Woo Hyoyoung (mulher, 27 anos)

Licenciada em Cinema que sonhava realizar os seus próprios filmes. Presentemente, trabalha na loja de cartas Geulwoll, no bairro de Yeonhui, em Seul. Perfeccionista e meticulosa, é uma ouvinte excelente, dotada das qualidades que alguém que trabalha numa loja de cartas deve ter.

Kang Seonho (homem, 34 anos)

Estudou na faculdade com Hyoyoung. Outrora, ambicionava ser ator, porém, teve de reconhecer os limites do seu talento e abandonou os estudos, após o que abriu a loja de cartas Geulwoll. A sua mulher deu à luz o segundo filho recentemente, e é ele quem cuida das crianças para que ela se foque na carreira.

CLIENTES

Cha Younggwang (homem, 28 anos)

Autor de *webtoons*. A sua série de estreia alcançou um sucesso tremendo, mas ele debate-se com dificuldades na criação de um novo projeto, o que lhe provoca insónias. Vive num estúdio-ateliê no quarto andar dos Apartamentos Yeonhwa, em frente à Geulwoll.

Seong Minjae (homem, 38 anos)

Contabilista num grande grupo empresarial. Aspirava a tornar-se romancista, contudo, escolheu um caminho mais realista. Todavia, nas cartas, ainda pode escrever a sua história, sendo por isso um frequentador regular da Geulwoll. Sempre vestido com elegância, conjuga invariavelmente um laço com os seus fatos de corte irrepreensível.

Kwon Euna (mulher, 45 anos)

Proprietária das Pumpkin Properties no bairro de Yeonhui. Conhece Hyoyoung desde que lhe arrendou um apartamento. É casada com o dono da padaria situada no rés do chão, diretamente abaixo da Geulwoll. O seu grande desejo é fazer uma viagem ao estrangeiro com o marido, um homem de poucas palavras.

Keum Woncheol (homem, 57 anos)

Diretor da Escola Primária de Yeonhui. Depois de perder a mulher devido a uma doença, passa pela Geulwoll de tempos a tempos para escrever sobre ela em cartas de amigos por correspondência. Um verdadeiro romântico. As boinas assentam-lhe muito bem.

Jung Juhye (mulher, 24 anos)

Empregada dos correios de Yeonhui. Apesar da profissão, tem dificuldade em escrever cartas. A rotina monótona de ir do trabalho para casa afundou-a numa crise de insatisfação. Visita a Geulwoll a primeira vez numa altura em que tenta descobrir mais sobre si própria.

Mun Youngeun (mulher, 25 anos)

Cantora e compositora. Apresenta o seu próprio programa de rádio. Numa visita à sua antiga casa em Yeonhui, recebe por acaso, na Geulwoll, uma carta comovente que espera partilhar com os seus ouvintes.

Song Eunhae (mulher, 27 anos)

Colega de Hyoyoung na faculdade. Sonha vir a ser atriz, mas espera-a um caminho penoso. Ao contrário de Hyoyoung, é pragmática e frontal, embora se sinta intimamente ansiosa e deprimida.

OUTRAS PERSONAGENS

Kang Hajun (rapaz, 6 anos, filho de Seonho)

Eun Sohee (mulher, 34 anos, mulher de Seonho)

Seo Yeonwoo (homem, 18 anos, trabalha na Geulwoll a tempo parcial)

Pak Sanghyeon (homem, 19 anos, filho do padrasto de Younggwang)

Woo Hyomin (mulher, 32 anos, irmã mais velha de Hyoyoung)

Pais de Hyoyoung

PRÓLOGO

Querida Hyoyoung,

Hyoyoung-ah.¹ Custa-me a crer que já seja a quinta carta que te envio. Apesar da minha relutância em telefonar ou enviar mensagens, sempre que pousa a caneta no papel, ocorre-me algo para dizer. Estranho, não é?

Corre tudo bem comigo. Enviar cartas que nunca obtêm resposta é como ver o hálito quente da minha respiração desvanecer-se no ar. Contudo, se não expirar desta forma, irei sufocar, e é por isso que continuo a escrever-te.

Minha doce querida.

Embora esteja ociosa, o tempo não deixa de seguir o seu curso serenamente — ou talvez devesse dizer indiferentemente. Dei tudo de mim aos estudos e passei a vida a correr contra o tempo, receando ficar para trás. Mas, afinal, levar as coisas com calma nunca fez mal a ninguém.

Há algo de curioso e tranquilo numa vida sem sobressaltos. Foram precisos 32 anos para chegar a essa conclusão.

A Umma e o Appa² têm passado bem? Ainda não escrevi a nenhum deles e temo que possam ler isto antes de ti. Eles respondiam de seguida. É por isso que não lhes posso enviar cartas. E a razão pela qual escrevinho o teu nome na frente com grande destaque. Só para tu leres. Até porque sei que jamais irás responder-me.

¹ Ver glossário. (N. da E.)

² Ver glossário. (N. da E.)

Estou em Ulsan neste momento. Fiquei em casa de uma antiga amiga da escola primária. Não vou permanecer mais de uma semana, por isso, de qualquer forma, nenhuma carta me iria chegar a tempo. Se a Umma e o Appa tentarem escrever, não te esqueças de lhes explicar.

Minha querida Hyoyoung.

Quando apago as luzes e me deito sozinha na cama, sinto-me como plâncton a flutuar nos oceanos. Ou como uma bactéria desconhecida à deriva numa célula. Tivesse eu nascido sem olhos, sem ouvidos, sem boca, e iria passar a minha vida sem prejudicar um ser vivo.

Lá estou eu outra vez cheia de melancolia. Tinha pensado refazer esta carta do início e até fui à procura de uma nova folha de papel, mas já quase não me sobra nenhuma. Se riscasse aquilo que escrevi, receio que ainda parecesse pior, minha irmã, pelo que vou deixar a carta conforme está.

Está fresco lá fora, por isso, vê se não te constipas. Podes vestir a roupa de inverno que deixei em casa.

Fica bem, querida Hyoyoung.

De,

Hyomin

Até a luz do sol tem um aroma

1

— O que vamos nós fazer? A tua irmã foi vítima de uma burla!

Um dia, em outubro passado, Hyoyoung chegou a casa e deu com a mãe prostrada à entrada. Uma folha de ácer solitária agarrava-se ao saco de compras dela. Nenhuma das duas se lembrou de descalçar os sapatos.

— Como é que isto lhe foi acontecer? — continuou a mãe, sem se dar tempo sequer de chorar.

Hyoyoung perguntava-se a mesma coisa. Desde o infantário que a excelência académica da irmã mais velha enchia a família de alegria e orgulho. Hyomin entrara facilmente para a turma dos alunos sobredotados e colecionava distinções em Matemática com uma perna às costas. Na escola preparatória, era ponto assente que seria a primeira em todas as disciplinas. E, por isso, quando há não muito tempo um colega lhe propusera serem sócios e abrirem uma academia, a família inteira contribuiu para o projeto. Como era possível que, logo ela, fosse cair numa fraude daquelas?

O olhar do pai, agora parado no corredor, depois de vir a correr da lavandaria automática, era algo ainda mais difícil de suportar. Era o olhar de alguém que nem nos seus sonhos mais loucos imaginara que a filha — formada pela Universidade Nacional de Seul, uma instituição prestigiada onde não só completara a licenciatura, como também frequentara a pós-graduação — pudesse alguma vez cair em desgraça. Por essa razão, quando Hyomin

anunciara a sua intenção de interromper a pós-graduação e abrir a sua própria *hagwon*, uma academia de estudos, ele nem pensara duas vezes. A inteligente Hyomin devia saber o que estava a fazer.

— A Hyomin não atende o telefone.

Ainda tentando recuperar o fôlego, o pai de Hyoyoung tirou apressadamente o telefone do bolso. Os três apertaram-se no vestibulo minúsculo, como sardinhas em lata. Hyoyoung, com os olhos marcados por olheiras após dois dias ininterruptos de filmagens, estava sem reação. O desaparecimento da irmã mais velha parecia-lhe algo irreal.

Três dias depois, Hyomin telefonava à mãe a comunicar-lhe que estava bem, após o que desligara o telefone por completo. O pai, apesar da dificuldade em manter o negócio à tona, acabara por contrair um empréstimo para investir na *hagwon* de Hyomin, passando a manter a lavandaria aberta sete dias por semana, em vez de seis. A mãe pedira dinheiro emprestado ao irmão e fazia a entrega de *banchan*³ para lhe pagar. Hyoyoung, entretanto, nada fazia. Estava demasiado ocupada com a rodagem do filme de fim de curso. De vez em quando, surgia uma mensagem no *chat* da família a perguntar se alguém tinha novidades de Hyomin, mas ela não respondia. Hyoyoung achava que a família estava a exagerar. O tio, a quem a mãe pedira dinheiro emprestado, sugeriu que talvez Hyomin não tivesse desistido da pós-graduação por iniciativa própria, mas apenas por não ter perfil para aquilo. Nesse mesmo dia, a mãe de Hyoyoung tropeçou nas escadas ao fazer uma entrega e magoou-se na anca.

— Tanto tempo a dizer que ela era o «suporte da família»... E, agora, olhe para nós! Olhe para o estado em que está, *Umma*, enquanto a Hyomin desaparece e nos deixa a limpar a porcaria que fez.

³ Acompanhamentos e pratos prontos a comer que se vendem em lojas especializadas com o mesmo nome. (*N. da T.*)

Ver a mãe prostrada na cama foi a gota de água para Hyoyoung. Seria por ter sido sempre tão excepcional, deixando toda a competição para trás, que a irmã demonstrava ser tão incapaz de enfrentar o próprio insucesso? Mesmo assim, como podia alguém na casa dos 30 anos abandonar assim a família? Perante isto, Hyoyoung resolveu desistir da rodagem do filme para poder cuidar da mãe. O financiamento que tinha obtido foi canalizado para outro projeto, tendo a equipa seguido também para esse mesmo trabalho, naturalmente. Estaria ela ressentida com Hyomin? Era difícil sabê-lo. Na verdade, desde o desaparecimento da irmã que Hyoyoung perdera toda a fé no seu próprio trabalho. Extinguira-se automaticamente, quase como se a autoconfiança fosse algo partilhado com Hyomin. A irmã, o filme — ambos haviam perdido o seu rumo. Foi então que as cartas de Hyomin começaram a aparecer. Os envelopes vinham sempre em nome de Hyoyoung.

2

Há uma semana que Hyoyoung trabalhava na Geulwoll, a loja de cartas. Alugara um estúdio a apenas dez minutos a pé, o tempo suficiente para ouvir quatro das suas canções preferidas. A loja estava localizada no agradável e pitoresco bairro de Yeonhui. O caminho seguia ao longo de casas antigas, algumas convertidas em cafés, enquanto os autocarros verde-lima passavam numa cadência regular. Viam-se muitos cães a ser passeados por ali, desfrutando do sol matinal. No momento em que a quarta e última música se extinguiu, Hyoyoung alcançou o edifício onde ficava a Geulwoll. O aroma a manteiga, ao qual era impossível resistir sem o inspirar profundamente, emanava da padaria no rés do chão.

— A um novo dia.

Como se proferisse uma fórmula mágica, as palavras deram-lhe forças para subir até ao terceiro andar. Hyoyoung ainda estava a habituar-se à súbita mudança de ambiente. O edifício era antigo, levando a que os degraus fossem relativamente íngremes, e as paredes de betão exalavam um odor ténue. Contudo, o cheiro a pão acabado de cozer que se elevava do piso térreo atenuava grande parte da frieza da estrutura. Hyoyoung foi seguindo o corrimão de ferro até avistar, à sua direita, a porta metálica de um azul-pálido. Na frente da mesma, dentro de uma oval branca de rebordos arredondados como um seixo, lia-se: «Geulwoll». Hyoyoung tirou os auriculares e abriu a porta. Lá dentro, aguardava-a um mundo completamente diferente.



— Chegaste cedo.

— Sim. Ainda tenho papel de carta para embalar.

Com esta breve resposta à saudação de Seonho, Hyoyoung dirigiu-se ao balcão e pousou a mala de tiracolo preta. Após o recente nascimento da filha, Seonho, o proprietário, precisava desesperadamente de alguém que ficasse à frente da loja. Dera-se o caso de Hyoyoung, sua amiga dos tempos da faculdade, ter viajado para Seul e de o contactar inesperadamente.

— Pensava que não podias ver cartas à tua frente. A tua capacidade de adaptação é mesmo espantosa — observou Seonho.

Nos últimos cinco meses, as cartas da irmã iam chegando à casa da família. Por vezes, surgiam de quinze em quinze dias; de outras, passava-se um mês até a seguinte aparecer. Hyoyoung deixava as cartas por abrir em cima da sapateira. À chegada da terceira, o pai levou-as para a secretária de Hyoyoung, e a reação desta foi dobrá-las ao meio e atirá-las para o lixo. Todavia, mesmo na ausência de uma só resposta, a irmã continuava a escrever. No momento em que se deparou com a quinta carta na caixa de correio, Hyoyoung tomou a sua decisão. Na idade já madura de 27 anos, ia sair de casa pela primeira vez.

A jovem soltou um suspiro.

— O que me resta fazer? Dos fracos não reza a história, é o que se diz.

Seonho encolheu os ombros e endireitou o maço de cartas que tinha sobre o balcão. Estivera a endereçar os envelopes. Hyoyoung lançou-lhe um olhar curioso.

— Daqui a um par de meses é a festa dos 100 dias da nossa Hayul. Já que estou a enviar os convites, ocorreu-me escrever igualmente umas palavras de cortesia.

Uma avaliação rápida à pilha disse a Hyoyoung que haveria ali mais de meia centena de cartas. Conforme seria de esperar de alguém como Seonho — uma figura popular nos tempos da faculdade —, a lista de pessoas a convidar era longa. Hyoyoung passou os olhos pelos nomes anotados no caderno de apontamentos; conhecia mais de metade.

— São muitas pessoas. Escreveste essas cartas todas?

— Vá lá. Isso não é nada para o proprietário de uma loja de cartas.

Hyoyoung estava a limpar o pó das gavetas de madeira onde guardavam o papel de carta, as canetas, os envelopes e afins; nesse preciso momento, o telefone de Seonho tocou. A voz frenética da sogra explodiu no auscultador, chegando aos ouvidos de Hyoyoung. Surgira qualquer coisa urgente e parecia que Seonho tinha de ir para casa imediatamente. Ele desligou e virou-se para a jovem.

— Lamento. Sei que é o último dia para te passar a pasta, mas vou ter de sair a correr.

— Sem problema. Acho que, por esta altura, já lhe apanhei o jeito.

Seonho dirigiu a Hyoyoung um olhar pleno de confiança e encaminhou-se para a porta. Antes de sair, deteve-se.

— Querida Hyoyoung, importas-te de levar as cartas para o correio? Ainda não as enderecei todas, mas elas têm de seguir amanhã.

— Certo, eu passo pelos correios quando vier trabalhar de manhã. Deixa isso comigo.

— Obrigado!

Assim que Seonho saiu, Hyoyoung passou um momento a desfrutar do silêncio, antes de dirigir o olhar à janela da esquerda. O céu de março estava límpido e luminoso. As colinas e as montanhas desenhavam uma linha a meio da vidraça, com um aglomerado de casas desconexas a preencher a parte inferior. As coberturas

de telha cinzenta, laranja e carmesim sobrepunham-se, tornando a cena quase digna de um quadro a óleo.

Estas mesmas vistas eram a razão pela qual Hyoyoung quisera trabalhar na Geulwoll. Desfrutar daquele cenário acolhedor do outro lado da janela retirava-lhe a pressão de ter de ocupar o seu tempo a fazer *alguma coisa*. Era como se alguém a tranquilizasse, garantindo-lhe que fazia um bom trabalho apenas por estar ali. Naquele momento, era sobretudo desse tipo de encorajamento que ela precisava.

De pé, junto ao balcão, Hyoyoung fitou o chão de cimento de uma tonalidade cinzenta. O Sol brilhava através da janela, projetando um retângulo de luz na ponta das suas *Converse*. A mera visão dos raios de sol aquecia-lhe os dedos dos pés. Hyoyoung agitou-os dentro das sapatilhas. Havia algo mais na Geulwoll que a impressionara tanto como a vista: as paredes interiores pintadas num tom de damascos maduros. A camada laranja-pálida que revestia as paredes irregulares de cimento fazia-a sentir que estava no interior da pequena caixa de cartão onde guardava os brinquedos, anéis e fitas de cabelo em criança. Estar ali trazia-lhe uma sensação de conforto e à-vontade em muito semelhante à que experimentava ao contemplar as preciosidades dentro dessa caixa, inspirando-lhe uma verdadeira afinidade com o lugar. E foi assim que a primeira semana de Hyoyoung na Geulwoll passou a voar.

Depois de verificar o *stock* dos produtos em exposição, Hyoyoung passou à arrumação do papel de carta acabado de chegar. Pegou na dobradeira de osso, uma ferramenta destinada a vincar couro ou papel. Com a forma de uma régua longa e fina, o instrumento tinha a superfície lustrosa, presumivelmente devido ao toque das pontas dos dedos de Seonho. A dobradeira produzia um suave restolhar ao deslizar sobre o papel delicadamente dobrado. Ao repetir aquele movimento simples, uma e outra vez,

Hyoyoung deu por si a apaziguar uma ferida na mente que nem sabia que tinha.

Nessa altura, um casal com pouco mais de 20 anos entrou na loja. Hyoyoung ouvia-os a tagarelar como papagaios enquanto colocava cuidadosamente os cartões de mensagem em envelopes de plástico.

— Ena, isto é muito diferente aqui dentro.

— Eu tinha-te dito. Impressionante, não achas?

Dado o dia ir a meio, Hyoyoung calculou que seriam estudantes ou trabalhadores independentes. A mulher trazia ao ombro uma mala de tiracolo em cabedal prateado. Vestia uma *t-shirt* preta, curta, um casaco de malha amarelo e uma saia azul com bolsos laterais. O homem tinha o cabelo comprido atrás e usava umas calças de bombazina bastante largas. Ambos pareciam cultivar o seu próprio estilo.

— A Jieun escreveu-me uma carta a pedir desculpa, e o papel era lindo. Perguntei-lhe onde o tinha arranjado e foi aí que soube deste lugar.

— Tenho a certeza de que vocês discutem, pelo menos, duas vezes por semana. Como é que continuam a ser amigas?

— O que interessa se discutimos? Desde que voltemos a fazer as pazes. Agora, a sério, viste como ela foi amorosa em mandar-me uma carta a pedir desculpa? — Nestes tempos, ninguém o faz. Nesse preciso momento, a jovem virou-se para o balcão. — Que difusor usam aqui? Parece mesmo que estamos numa floresta.

Hyoyoung ficou paralisada, quase como se tivesse sido apanhada num jogo de sirumba. Fazia sempre o possível por passar despercebida e deixar que os clientes se focassem nos produtos em exposição. Havia uma cortina semitransparente pendurada num dos lados do balcão, e era atrás dela que costumava arrumar os artigos. Evitava olhar diretamente na direção de quem só entrava para ver, a menos que fosse absolutamente necessário.

Há já muito tempo que ela não se deparava com um cliente assim, cara a cara.

— Não é um difusor, é perfume de ambiente. Temos os frascos em exposição aqui.

O perfume denominava-se *Tinta do Bosque*. Era um aroma refrescante que cheirava exatamente a floresta, como a cliente observara. O único elemento sobre o qual a mulher de Seonho quisera ter uma palavra a dizer era o aroma da Geulwoll, e não se poupava a esforços para encontrar aquele perfume. As notas do eucalipto fresco e da tinta encorpada conjugavam-se na criação da atmosfera serena da Geulwoll.

— Ah, é este aqui.

A mulher ajoelhou-se, apoiando as mãos nos joelhos. Seguindo-lhe o exemplo, o homem agachou-se para ver mais de perto o perfume *Tinta do Bosque*. A mulher aproximou o frasco do nariz. Hyoyoung deu por si a seguir, fascinada, os movimentos dos dois, quais felinos a desfrutar languidamente da tarde.

— Para que serve esta mesa?

O homem apontava para uma mesa de madeira com uma cadeira em *art déco*. A razão que levava Seonho a instalar a mesa naquela loja, já de si exígua, eram os clientes do serviço de amigos por correspondência. Ele tinha o grande desejo de que as pessoas lá fossem para escrever cartas, pelo que dispor de menos espaço para expor a mercadoria da Geulwoll não o incomodava minimamente.

— É onde os utilizadores do nosso serviço de amigos por correspondência podem escrever as suas cartas. Ou, na verdade, quaisquer clientes que queiram escrever cartas.

— Serviço de amigos por correspondência?

A mulher fez um ar perplexo, e Hyoyoung apontou para a caixa de correio ao lado da mesa. Para os momentos em que se tornava difícil partilhar algo até com as pessoas mais próximas,

ou quando se desejava talvez enviar palavras de encorajamento a alguém que se desconhecia — aquele era o sítio próprio para escrever uma carta no papel especial de amigos por correspondência. O serviço de amigos por correspondência funcionava da seguinte forma: cada envelope continha uma lista de adjetivos, tendo o cliente de circular aqueles que melhor o descreviam. Em seguida, o autor da carta desenhava um símbolo num autocolante quadrado, o qual era afixado no canto superior do envelope como se fosse um selo postal personalizado. Desta forma, as pessoas podiam trocar cartas sinceras sem saber a identidade da pessoa a quem escreviam. Em paralelo, a Geulwoll assumia o papel de funcionário dos correios, fazendo chegar as cartas aos seus destinatários.

— Gostaria de experimentar?

Hyoyoung sorria docemente. A mulher baixou o olhar para a caixa de correio. Esta dividia-se em compartimentos retangulares, dentro dos quais estavam os envelopes. Cada um tinha um selo colado com um garatujo desenhado pelo seu remetente anónimo. No canto inferior esquerdo estava a lista de descritores: animado, descontraído, inteligente, angustiado, viciado em livros, esteta, sociável, enfadonho, viciado em café, boémio, nostálgico, divertido, produtivo, desencantado... Em cada envelope encontravam-se uns quantos circulados. A mulher pegou num e examinou-o com um ar intrigado, porém, não tardou a devolvê-lo à caixa. Apesar dos incitamentos do homem, ela soltou um risinho constrangido e abanou a cabeça.

— Acho que não consigo. Já não escrevo uma carta desde a escola primária. Ainda por cima, não é para uma pessoa amiga, mas para alguém que eu não conheço.

— Não estás a dar demasiada importância ao assunto?

— Então, escreve tu uma.

O homem fez uma expressão séria, após o que desatou a rir.

— Acho que também não sou capaz de escrever uma.

— Eu sabia — comentou a mulher a rir-se, optando antes por escolher um postal ilustrado com irises e outro com delfínios, pagando-os ao balcão.

Os dois fitaram a janela por momentos e agradeceram a Hyoyoung antes de saírem da loja. À medida que as vozes se desvaneciam, o silêncio instalou-se de novo na Geulwoll. Hyoyoung dirigiu-se à caixa de amigos por correspondência e virou os envelopes para os colocar com a face na mesma direção. De repente, ocorreu-lhe que já passara muito tempo desde que ela própria escrevera uma carta. A última vez devia ter sido o cartão de agradecimentos que enviara ao diretor de turma do secundário, quando terminara o liceu. E até esse fora partilhado com os colegas, cabendo-lhe escrever apenas umas poucas linhas.

Escrever era algo em que Hyoyoung podia medir forças com a irmã. Aos 11 anos, quando andava no segundo ciclo, Hyomin já resolvia os problemas de manuais do terceiro ciclo — algo de que Hyoyoung, com os seus 6 anos de idade, nem se dava conta, obviamente. Todavia, quando Hyomin, já no final do segundo ciclo, obteve a medalha de prata no concurso de composição da escola, Hyoyoung, que frequentava a mesma escola, recebeu a de ouro pela carta que escrevera sobre a lavandaria do pai. O pai pendurou os certificados lado a lado na parede da lavandaria e abraçou cada uma das filhas. Era a primeira vez que um diploma de Hyoyoung era exibido ao lado de um de Hyomin, e ela guardaria o orgulho que aquele dia a fizera sentir no seu coração por muito tempo.

Desde então, pelo menos no que se referia a exercícios de composição, Hyoyoung aplicava-se ao máximo. Participava em todos os concursos que conseguia. Apesar de nunca ter recebido um prémio relativo a qualquer outra disciplina escolar, as paredes do seu quarto estavam cobertas de certificados de concursos de composição. A técnica e o domínio das palavras que demonstrava ultrapassavam em muito a sua tenra idade, e isso devia-se em grande parte à eloquência da irmã mais velha. Contudo, com o

passar do tempo, por um motivo qualquer, Hyoyoung deixou de compor estas cartas sinceras, mesmo que isso tivesse sido algo extremamente fácil no passado. O seu afastamento foi tão natural que não lhe deixou qualquer sentimento de perda.

Que significado tinham as cartas numa época em que é possível saber como está o outro numa questão de segundos? O próprio Seonho não estava seguro de que a venda do papel de carta e o serviço de amigos por correspondência fossem suficientes para manter o negócio à tona. O que lhe parecia, dizia ele, era que os jovens destes tempos já consideravam a simples troca de palavras de afeto e incentivo como algo incómodo; quão mais difícil seria para eles abrirem o seu coração numa carta? Isso levava-o a estabelecer uma estratégia, expandindo o seu *stock* para incluir perfumes de ambiente, cadernos de apontamentos, canetas de tinta permanente, entre outros artigos, todos com a identidade única e marcante da Geulwoll. Sem jamais descurar o seu compromisso de preservar o valor das cartas, Seonho tinha, todavia, de ser criativo para captar a atenção de jovens que — à semelhança dos clientes que Hyoyoung acabara de receber — estavam tão desfasados dessa prática.

— Para lhes despertar o desejo de escrever — murmurou Hyoyoung para si própria, antes de abrir o livro de registo de trabalho da Geulwoll.

Livro de Registo de Trabalho da Geulwoll

Serviço de Cartas em Seul

- Data: 26 de março (fim de semana)
- Tempo: céu limpo
- Funcionário de serviço: Woo Hyoyoung

- Clientes: 23
- Pagamentos com cartão: 220 800 won
- Pagamentos em dinheiro: 10 500 won
- Total: 231 300 won

- Material em falta:
 - Conjuntos de cartas cor de azeitona (existe uma pequena quantidade de papel de carta e envelopes)
 - Pisa-papéis do golfinho *Sumitani* (restam apenas os expostos)
- Material necessário:
 - Sacos de embalagem em plástico

– Notas adicionais: Esta manhã, um cliente com pouco mais de 20 anos pediu-me que o fotografasse a escrever uma carta. Sentou-se à mesa e colocou-se em pose, mas disse que não se sentia confortável a escrever uma carta a sério. Parece que nos descobriu no Instagram, e isso só pode querer dizer que o teu trabalho nas redes sociais está mesmo a surtir efeito, Seonho *sajangnim*.⁴ Sobre-tudo, se tivermos em conta a quantidade de *hipsters* que visita este bairro pacato.

Acho que os clientes da minha idade não estão habituados a escrever cartas. Mas de certeza que existe quem queira partilhar aquilo que sente numa carta manuscrita, em vez de enviar mensagens pelo KakaoTalk ou pelo Instagram. Seja como for, não é assim que a Geulwoll irá prosperar, atraindo clientes potenciais? Pensa nisso, *Sajangnim* :)



Quando Hyoyoung acabou de preencher o registo, já eram 18h25. Através da grande janela da frente da loja, via-se o Sol a caminhar para o seu ocaso. Ao contrário da janela do lado esquerdo, onde as montanhas assumiam o papel principal, a outra, virada para a rua, dava para os Apartamentos Yeonhwa, um edifício residencial de

⁴ Ver glossário. (*N. da E.*)

cinco andares construído na década de 1970. Do topo do prédio à base, estendia-se uma tira de cor índigo, como se fosse uma faixa. Segundo Seonho, até ao ano anterior, o tom era de um lilás suave; ele ainda não se habituara àquela tonalidade revigorante de azul intenso.

Através das cortinas do terceiro andar do edifício, Hyoyoung avistou uma mulher de meia-idade com um par de pesos leves nas mãos. Olhar assim para os Apartamentos Yeonhwa dava-lhe a sensação de ser alguém da vizinhança. A proximidade física transmitia-lhe um sentido estranho de intimidade. *Um, dois, um, dois*. Hyoyoung passava a esfregona pelo chão da Geulwoll ao ritmo do treino rigoroso da mulher. Nunca fora muito dada ao exercício físico, pelo que fazia um esforço consciente para movimentar-se mais quando se encontrava na Geulwoll. Animada por este espírito, manobrava a esfregona com entusiasmo quando, de repente, ergueu o olhar e viu um homem alto a observá-la. Parecia ser mais ou menos da idade dela ou, quando muito, teria pouco mais de 30 anos.

— O Seonho *hyung*⁵ não está? Ele disse que vinha hoje.

— O Seonho *sajangnim*? Teve de sair mais cedo para ir buscar a filha. Posso ajudá-lo?

Aquele homem saberia que Seonho tinha uma filha? Que proximidade haveria entre os dois? Enquanto Hyoyoung se debatia sobre aquilo que lhe podia dizer, o homem passava o olhar pela pequena loja com aparente desconfiança. É claro que Seonho gostava de brincar, mas não era suficientemente imaturo para se esconder debaixo do balcão ou atrás da porta.

— Tenho uma coisa para lhe entregar. Enviei-lhe uma mensagem a dizer que chegava atrasado, mas ele não me respondeu.

O homem passou-lhe a tela que tinha apoiada ao seu lado. Estava embrulhada em papel de jornal, não dando a Hyoyoung a

⁵ Ver glossário. (*N. da E.*)

possibilidade de ver de que pintura se tratava. A jovem pegou na tela, que lhe dava sensivelmente pela altura das ancas, e encostou-a ao balcão.

— De qualquer maneira, fico contente por, pelo menos, estar aqui alguém.

O homem coçou a cabeça e pediu a Hyoyoung para ter cuidado com a tela, antes de inclinar o rosto num cumprimento. O olhar dela cruzou-se com o dele, e a jovem sorriu com embaraço. Já se devia ter ido embora, pensava ela. Porque continuava ali? Haveria algo mais que ela lhe devia perguntar?

— Aquelas ali são as cartas do Seonho *hyung*, certo?

O homem apontava para os envelopes dispersos pelo balcão.

— Desculpe? Ah, sim. — Hyoyoung respondeu secamente e recuou um passo, distanciando-se dele. Sem o querer, tinha assumido uma postura defensiva. Não fazia a mínima ideia de quem era aquele homem. Porque estava ele a meter o nariz onde não era chamado?

— O endereço do destinatário foi escrito demasiado à esquerda. Uns cinco milímetros, mais ou menos.

— Isso... é um problema?

Embora tivesse falado sem má intenção, Hyoyoung fechou a boca de repente, receando que ele pudesse interpretar mal o seu tom. O homem sorriu com gentileza e disse que podia muito bem vir a ser um problema. Nesse preciso momento, o telefone dele tocou. O homem disse a quem lhe ligava que iria de imediato, e acenou a Hyoyoung em jeito de despedida ao sair da loja.

Fora apenas uma interação breve, mas a verdade é que deixara Hyoyoung incomodada. Ofendia-a o facto de ele aparecer ali fora das horas de expediente, dizer o que tinha a dizer e simplesmente ir-se embora. Mas, refletindo melhor, talvez estivesse a exagerar.

Tinha terminado a arrumação e pegava na mala para sair quando recebeu uma chamada de Seonho.

«O Younggwang passou por aí, não foi? Um tipo alto e bem-parecido.»

«A pessoa da tela? Sim, passou.»

«Pedi-lhe que fizesse o retrato da Hayul para a festa dos 100 dias. Deve ser isso.»

«Ele é pintor ou algo parecido? Ou é apenas bom em Photoshop?»

«É autor de *webtoons*. Levei uma eternidade a convencê-lo a fazê-lo.»

Hyoyoung preparava-se para lhe falar na questão dos endereços, mas optou por não avançar. Já preencheria cinquenta envelopes exatamente da mesma maneira e, além disso, os pedidos entusiasmados de Seonho para que desembrulhasse o retrato e lhe enviasse uma fotografia desviaram a sua atenção.

Hyoyoung retirou de imediato o papel de jornal. Talvez por o retrato ser a obra de um autor de *webtoons*, ele tornava Hayul ainda mais adorável. Hyoyoung riu-se ao ver a bebé minúscula num fatinho cheio de folhos, com rendas suspensas por todo o lado. Apesar de ser visível o esforço que ele fizera para o retrato ser o mais realista possível, o toque de *cartoon* conferia-lhe personalidade.

«O Younggwang é o cliente mais fiel da Geulwoll. Foi a primeira pessoa a interessar-se pela loja quando a abrimos há um ano. Vive nos Apartamentos Yeonhwa aí em frente.»

Ao ouvir isto, Hyoyoung dirigiu automaticamente o olhar para a grande janela. Seonho disse-lhe inclusivamente que o apartamento dele ficava no quarto andar.

«Está a trabalhar no próximo projeto, pelo que o apartamento é essencialmente o seu estúdio de trabalho, mas parece que está a atravessar uma crise de inspiração. Como é que o achaste hoje? Quando o vi há uns dias, tinha a barba por fazer e o cabelo parecia um ninho de pássaro.»

«Pareceu-me bem, acho eu.»

«Ah, isso deixa-me aliviado.»

Assim que terminou a chamada, Hyoyoung voltou a olhar para o quarto andar dos Apartamentos Yeonhwa. Sentia-se inquieta perante a ideia de os dois terem de se cumprimentar de um lado para o outro da rua. Tinha a esperança de que o olhar deles não se cruzasse por acaso enquanto ela estava a trabalhar. Receosa de que Younggwang já pudesse ter regressado a casa, pegou rapidamente na mala e saiu da loja.

Hyoyoung vagueou pelas ruas da zona residencial, vendo a cor do céu mudar momento a momento. A sua irmã costumava chamar a esta parte do dia — quando o Sol se estava a pôr e o nosso estômago começava a roncar — «hora de sairmos do parque e irmos para casa». As crianças que se tinham juntado em redor do escorega e das barras iriam começar a dispersar uma a uma, à medida que as mães as chamassem para jantar. Perguntava-se se Hyomin saberia que chegara o momento de também ela regressar a casa.

Numa época de comunicação instantânea,
há poder numa carta escrita à mão.

Quando a sua irmã mais velha é enganada pelo namorado, com quem planeava abrir uma academia de estudos, e desaparece, Hyoyoung deixa Ansan e parte para Seul, na esperança de escapar à confusão em casa. Ainda agarrada ao sonho de se tornar realizadora de cinema, aceita um emprego na Geulwoll, uma loja de cartas no encantador bairro de Yeonhui.

Repleta de belas canetas, papel e envelopes, a Geulwoll é um espaço acolhedor que parece quase irreal. O que intriga Hyoyoung, no entanto, é o serviço de correspondência da loja: os clientes escrevem uma carta anónima e trocam-na por outra deixada por um desconhecido. Se o desejarem, podem continuar a correspondência de forma anónima através da loja.

À medida que o tempo passa, Hyoyoung cria laços com as pessoas que conhece na loja, testemunhando as suas lutas, conquistas, alegrias e tristezas. Entre elas está Younggwang, um jovem artista de *webtoons* e cliente habitual que, aos poucos, conquista o seu coração. Ao longo do caminho, Hyoyoung percebe que as cartas podem ajudar as pessoas a recuperar a ligação com o passado, a compreender os outros e a sarar feridas antigas.

Uma história comovente
sobre família, a distância que
nos separa e as palavras
que nos levam de volta
à casa.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-589-968-5



9 789895 899685